

canço, e contra os socialistas democráticos, para quem a luta política é sómente a luta parlamentar e eleitoral. Agora também, só porque não consentimos em suprimir o factor económico, só porque temos especial encargo em pôr em evidência e em fazer ressaltar a sua importância primária quando todos o encobrem e só vêem os outros factores, aqui-d'el-rei que não lutamos politicamente!

Mas o artigo vai longo e nós ficamos dentro em breve occupar-nos das causas económicas do conflito.

Não queremos, porém, terminar sem estranhar de novo que a *Acción Libertaria* se preocupe tanto com as causas e responsabilidades da guerra. É uma coisa que também não percebemos lá muito bem.

Se, por hipótese, a declaração de guerra tivesse partido da Rússia e a França e Inglaterra houvessem tomado como a Itália a iniciativa do ataque, seguindo a aliada eslava e temendo o seu esmagamento, seria outro e menor o perigo germânico? Não seria necessário da mesma forma impedir uma vitória alemã, afim de salvar certos valores ideais?

A nosso ver, a ligação dos intervencionistas devia ser esta: «Pois sim senhores; os culpados são os que vocês dizem; as causas são as que vocês apontam mas o facto—o facto consumado, real, que nós deploramos profundamente—é a guerra; e se desta guerra sai vencedor o imperialismo germânico, o mal é muito maior do que no caso de triunfar o imperialismo adverso. Por isso (aqui, é claro, fala a lógica intervencionista) devemos lutar ao lado dos Aliados».

Compreende-se que nós, como anarquistas, nos occupemos das causas e responsabilidades, pois que pretendemos desmascarar as mentiras patrióticas e o falso idealismo burguês e mostrar que os Estados tendem por sua natureza à oppressão no interior e à conquista no exterior, não havendo entre ellas senão diferenças circunstanciais e momentâneas. Do contrario, daríamos largo aso à crença na extrema e ilimitada perfectibilidade do Estado, que seria considerado capaz de se tornar instrumento eficaz de paz, ordem e justiça.

Por isso estudamos e revelamos as causas e responsabilidades da guerra e, em vez de as tomar a partir dos últimos dias de julho de 1914, examinamos os antecedentes económicos, políticos, militares e diplomáticos, vendo então desenhar-se na sombra, por trás das disputas de mercados e vias comerciais, por trás das guerras colonias, das conferências diplomáticas e dos preparativos militares, uma luta feroz em que cada molosso ou cada fradiqueiro mordida e agredia na medida das suas forças: antagonismo austro-russo nos Balcãs e na Gallia, antagonismo anglo-alemão na Turquia, na Ásia Menor e algures, política das alianças, do «cêrcro» do adversário, das barreiras no seu caminho, dos armamentos, guerra italo-turca, questão de Marrocos, guerra balcânica, etc.

E assim, não só nos custa a distinguir a quem toca o máximo da culpa, mas ainda, ignorando os escuros tramadas das chancelarias, não somos capazes de jurar a completa inocência da própria Bélgica, país colonial ao qual começavam a crescer os dentes imperialistas, e muito menos da Sérvia, atacada de expansionismo, fomentadora de movimentos pansérvicos, instrumento da Rússia, com um papel activo e importante nas duas guerras balcánicas.

Em nome do anarquismo, deviam ao menos conceder-nos a responsabilidade, se não igual, em todo caso equivalente, de todos os Estados.

(1) Tínhamos escrito que a consideração do facto consumado da guerra devia agradar à *Acción Libertaria*, que se presume muito realista; e ela leu torivamente que deve ver com agrado o facto real, consumado da guerra! A palavra *agradar* padra prestar-se a equívoco, e se nisso tivéssemos reparado tê-la-famos evitado com oscrúpulo. Mas, com um pouco mais de calma e boa vontade, o nosso intuito, pelo contexto, teria parecido manifestado à *Acción Libertaria*, que vê com demasiada facilidade, nos contradições «sofistas», «dementes», «etiológicas», fazedoras de «subtilidades», gracejadores macabros e outras amenidades.

Linguagem exemplar...

Aprendam os operários!

O *Diário de Notícias*, de 16 de Julho, inseria a seguinte notícia, que achamos conveniente arquivar:

O sr. Melo Barreto, deputado por Vila Real, recebeu ontem os seguintes telegramas do sr. dr. Antão de Carvalho, presidente da Camara Municipal da Régua e da Comissão de Viticultura Duriense:

«Régua, 15.—Peço a v. ex.ª signifique ao ex.º Presidente do Ministério, que, sem embargo das explicações dadas ás suas palavras, nós temos um compromisso recíproco, sendo o meu o de renovar e completar o protesto iniciado e suspenso em face das promessas do governo, logo que a defesa do Douro o imponha, como expressi no meu telegrama de 10 de Junho, e que, se alguém faltar, eu cumprirei, honradamente, aguardando apenas, que desempenhe o seu mandato a grande Comissão eleita na reunião das colectividades do Norte nos Paços do Concelho do Porto, em 10 do corrente. Não será lícito alegar, depois, «o momento eleitoral», «o amôr da Patria» e a «defesa da Republica». Peço a v. ex.ª fique prevenido e atento. O Douro não pôde morrer sob a ignomínia de um tratado que a historia julgará devidamente, apurando as responsabilidades de todos nós. Saudos calorosamente e efusivamente v. ex.ª».

O Presidente da Comissão de Viticultura e da Camara Municipal, *Antão de Carvalho*.

«Régua, 15.—A grande Comissão dos representantes dos municípios e

colectividades do Norte chega a Lisboa no sábado pelo rapido das 14 horas. O Douro fará nêsse dia uma grande manifestação de solidariedade com os representantes.—(a) O Presidente da Comissão de Viticultura e da Camara Municipal, *Antão de Carvalho*»

Isto é que se chama falar de papo aos governos, proferindo ameaças tesas e mostrando o valor e crédito dados ás estafadas manhas do «momento eleitoral», do «amôr da patria» e da «defesa da Republica». Isso já não gruda para eles. E para nós, então!...

Mas parece que ás vezes ainda gruda para o Zé Pacóvio. Pois que ponha na linguagem e nos modos dos durienses os seus candidos olhos.

A proposito de «guerristas»

UMA EXPLICAÇÃO

Tendo o camarada Vicente Garcia escrito que não lhe parecia ser dirigido à *Acción Libertaria* o nosso sueto *Guerristas, porque não?* (n.º 256) aquele jornal respondeu-lhe que se enganou em tal suposição, como o prova a nossa resposta do n.º 260: *Guerristas ou quê?* Ora, no fundo, tem razão o camarada Garcia, pois o sueto não era para... nenhum jornal espanhol. Afinal de contas, temos que explicar o caso, podendo ser desmentidos pelos camaradas a que vamos aludir, se houver falsidade da nossa parte.

Na reunião celebrada em Lisboa entre elementos do *Germinal* e da *Aurora*, o director deste jornal empregou o termo «guerrista». Dois camaradas do *Germinal* protestaram contra o que julgavam malévolo e nós explicámos-lhes que diziamos aquilo como diziamos, por exemplo, «revolucionários» ou «insurreccionistas», embora na insurreição houvesse mortandade e dela se servissem homens dos mais variados ideais e para os mais variados fins. Fuida a reunião, a explicação prolongou-se amigavelmente, na rua, com um dos protestantes; e este, não aceitando embora todos os nossos argumentos, ficou satisfeito com as nossas explicações sobre as intenções e acabou por dizer:

—Pois sim; mas a maior parte dos leitores tomarão a palavra no sentido offensivo e as divisões agravar-se hão.

—Bem, redarguimos nós; evitaremos para o futuro a applicação dessa palavra aos intervencionistas e aproveitaremos o primeiro ensejo para uma explicação indirecta, visto desagradarem a muitos as discussões entre nós.

—Perfeitamente, assentiu o nosso amigo.

Em casa, lembrámo-nos de que, num dos jornais intervencionistas espanhóis, já passados pelo correio a um camarada distante, viera uma referência á impropriedade do vocabulo. Não nos recordávamos dos termos em que era feita, nem podíamos precisar o nome do jornal; mas para o nosso fim não era isso preciso. Aindimos vagamente a um «semanário anarquista de Espanha» e seguimos na explicação, não a argumentação do jornal que não tínhamos presente, mas o fio da conversa que traváramos.

Nunca pensámos em polemizar com um jornal escrito em lingua diversa e tendo conosco poucos leitores comuns; mas, se nisso tivéssemos pensado, é evidente que teríamos escolhido, para começar, uma questão mais substancial. Foi, pois, para nós uma certa surpresa a resposta da *Acción Libertaria*, tanto mais que não nos lembrávamos de ter lido *guerreiristas*, ou pelo menos, só agora reparávamos nisso. Porque persistimos em crer que, se *guerrista* pode significar aquele que toma parte na guerra ou dela se serve para qualquer fim, seja ou não provocada por elle, já *guerreirista* de guerreiro) parece indicar o militarista, o partidário dos guerreiros e da preparação militar.

Mas, em suma, a resposta vinha, e nós respondemos, não supondo que havíamos de ser moralmente obrigados a dar estas explicações.

Entretanto, como a *Acción Libertaria* replica longamente ao nosso artigo *Guerristas—ou quê?* longamente voltaremos á carga quando ella tiver terminado a série das suas considerações, esperando que se alargue o horizonte do nosso debate.

O Imperialismo moderno

II

Muitos espiritos superficiais de Espanha e de fora julgaram-se obrigados, provavelmente com a melhor intenção do mundo, dando embora provas de pouca penetração, a elevar a França e a Inglaterra ao grau de campeões da justiça e da liberdade nesta guerra, que ameaça inundar a Europa inteira no seu mar de sangue.

No entanto, são estes os dois países que conseguiram fundar em nossos dias o mais vasto império colonial; são eles os que exploram, protegem, civilizam (?) o maior número do território, e as armas de que se tem servido nem sempre foram, que eu saiba, a suavidade e persuasão. Os imperialistas ingleses dir-vos-hão cheios de orgulho que o sol nunca se pôe nos domínios britânicos; e a França, depois de ter feito em tempos que já lá vão a Declaração de Direitos do Homem e de haver sentido praça do cavaleiro andante endireitador de tortos, foi se apoderando, nas quatro partes do mundo, das melhores e mais férteis regiões, para maior contentamento dos seus mercantes.

Há anos, desde que começou a desenvolver-se o imperialismo económico, que a terra tódá tem sido dada em pasto aos appetes desenfreados de três ou quatro potências que se creem no direito, só porque são fortes, de pôr e dispôr a seu belprazer dos destinos do mundo: eu fico com isto, tu com aquilo, êsse lado é para mim, o outro é teu, etc. Cuba e Filipinas caem nas mãos dos Estados Unidos; a Inglaterra apossa-se cautelosamente das riquissimas repúblicas sul-africanas e recentemente do Egipto; a França tocam-lhe Tunes, Madagáscar e ontem Marrocos; a Rússia deita os gatzios á Manchúria, Sibéria, Finlândia e Pérsia; a Austria cola a si a Bósnia-Herzegovina; a Itália empalma Trípoli; o Japão engole a Coreia, e assim sucessivamente podemos presenciar a maneira como as grandes potências se entenderam para despojar os povos débeis ou pouco ambiciosos dos bens e riquezas que naturalmente lhes pertenciam.

Qual é a parte do saque que coube á Alemanha nas partilhas?

Segundo a própria opinião dos entendidos na matéria, tanto em França com em Inglaterra, não lhe tocou grande coisa, dada a importância comparativa do país, pois são unâimes em declarar que as colónias alemãs do ocidente e oriente em África são do pior que aquelle continente encerra.

Por isso a Alemanha fez escândalo e assentou aquelle famoso golpe de Agadir, em 1911, com o qual quis affirmar de modo irrevogável que também queria, por bem ou por mal, tomar parte na partilha do mundo.

A França cedeu, mas desde logo se viu que estava empenhada a luta.

Como a Inglaterra, a França e a Rússia, a Alemanha pretende atodo custo estender os seus domínios, fundar um império colonial, occupar lugar preponderante ao sol.

É preciso que, para a sua industria, a mais intensa do mundo; para o seu comércio, o mais activo e audaz; para a sua população, tam densa que trasborda das suas fronteiras; é preciso que, custe o que custar, se abram novos mercados a abastecer, novas empresas, novas explorações.

Declarou-o ella por meio dum das suas mais brilhantes p/imas: «A Espanha, os Países Baixos, a França e a Inglaterra tomaram e colonizaram grandes territórios, os mais férteis do mundo. Acaba do soar a hora da Alemanha e é preciso que ella tome no mundo o seu lugar de grande potência directriz».

Para êste fim trabalha há mais de dez anos, mas á cada passo dado no terreno das realizações tropeça com a coligação mais ou menos encoberta das potências rivais, que não poupam esforços para lhe fazer fraccassar os planos.

Enquanto a Alemanha, gra-

ças a um esforço estupendo das suas classes directoras e industriais, que criavam no país fontes intensissimas de riqueza, se ia impondo nos mercados comerciais do mundo ás suas rivais declaradas, Inglaterra e França, estes países, cujo comércio exterior, longe de aumentar nas devidas proporções, estacionava ou baixava, viram-se impellidos pelos seus respectivos grupos de especuladores a empreender contra a devoradora Alemanha uma luta surda, mas sem tréguas.

Comêçaram por operar o vacuo em tórno da Alemanha. Todos os países que dela se acercavam para tratar amigavelmente o menor assunto logo se viam solicitados e desviados do seu primeiro movimento pelas artes e manhas da Inglaterra e da França. A própria Itália, sua aliada por mais de vinte anos, viu-se tam seriamente assediada desde 1905, que pouco a pouco se foi desfazendo dos seus laços.

Tódas as grandes concessões que o génio empreendedor e temerário dos capitalistas e industriais alemães arrancavam em vários pontos do globo eram logo olhadas com recelo pelas suas rivais, Inglaterra e França, que á sua execução opunham todos os obstáculos possíveis e imagináveis.

Era preciso isolar a Alemanha das demais nações, encerrá-la no centro da Europa e impedir-lhe de crescer.

(Paris)

DIONÍSIO NOR

PELO THEATRO

A Natureza é um teatro imenso de constantes, variados e grandiosos espectáculos, que me apraz observar.

Quem não se maravilha com a magestade e beleza dos céus, ou não se extasia na contemplação da Flora e Fauna e seus papeis na economia do mundo orgânico-biológico, do qual fazemos parte integrante? Matizes variadíssimos, luz radiosa e difundida, cores, tons, harmonia, diversidades e variedades infinitas: quem não admira enlevado tanto e tão mirabolantes quadros e panoramas—jardins, verghes, prados, florestas,—imponências urográficas, vastidões e abismos talassicos, a formidanda fenomenologia telúrica e meteorológica,—todas as manifestações da Matéria, toda a magnificência do Cosmos? Em toda a parte, escolas típicas, lições, ensinamentos, para quem saiba atender e saiba reflectir. Numa gota de agua, num raio de luz, numa areia, num microtónico ruido ha tanto mysterio, tanta sciencia, tanta maravilha como num grande mundo.

A sociedade humana, é tambem um grande teatro, e todos nós visjores corruptiveis, concupiscentes, egotistas, somos os actores da tragico-média, infanda, enorme, que as successivas gerações representam, fazendo a historia terrivel da Humanidade; e, por nosso natural cosmopolitismo e social relacionismo, somos simultaneamente os espectadores das nossas próprias tragico-médias, em que nada ha de fantastico, se bem que ultrapassem muitas vezes as raias do absurdo, e em que tudo é realismo, se bem que o falso, o ficticio, o estupendo e monstruoso, se predomine despoticamente. É que a perversão logrou por toda a parte inverter a ordem natural, e onde a razão devia imperar absoluta e majestosa, triunfa o bruto instinto da besta fera.

Arroubam-nos as portentosas e pasmosas maravilhas naturais; mas quem não se comove ante um quadro de innocência ou de miséria? quem não sente piedade e compaixão, ante o venerando velhinho, deacrípulo, caduco, esfrangalhado e faminto? quem não se enternece ante uma pobre mãe estremeoendo seu querido infante, sacrificando tudo por elle—a própria honra e a vida, se a necessidade a violenta? Quem não se ira indignado contra as flagrantes injustiças e crueldades horrorosas dos homens que não cessam de verificar o dito do filósofo—*homo lupus hominis?*

Em geral, tanto me apraz e atrá o espectáculo—bello e delizioso ou majestoso e terrivel—da Natureza, quanto fujo ao patético ou violento, e atroz, da sociedade. Mas do teatro burguês, escola do vicio, donde a moral e a arte se ausentaram, retirei-me logo que a consciencia e a razão me evidenciaram tanta negrura e torpeza em vez de ética e de esthetica, em vez de escola educativa de sentimento e de espirito.

Graças ao gentil convite dum velho amigo, fui no domingo 8 de agosto ao grandioso espectáculo em beneficio da Escola noturna do Centro e Biblioteca de Estudos Sociais; e qual não foi minha surpresa em presenca não só do edificante programa que se ia desenrolando, mas ainda pelo desempenho, relativamente correcto, que os intelligentes e apaixonados artistas-amadores davam conscienciosamente aos seus papeis! Foram justos os aplausos do público.

1.º—O Triunfo. Um sábio hermetico trabalhára toda a vida á cata da pedra filosofal, sem lograr a conquista do velocino. Alfim, descobre um explosivo terrivel, capaz de aniquilar de vez a humanidade e o planeta. O imperador mandou seu General Bum comprar o infernal segredo homicida por uma milhão. O velho rejubila por deixar assim rica a sua querida neta. O ajudante do Sábio, mancebo inteligente,

professando o mais bello e sublime ideal—o amor da justiça e da humanidade,—horrorizou-se, trava-do-se entre elle e o sábio um diálogo interessante, apaixonado, de caracter moral-social: as razões da moral burguesa, egotista e falsa do velho, fulminava-as e aniquilava-as o mancebo com os principios eternos de justiça e humanidade, amor e solidariedade, sciencia e verdade.

A scena é sobremodo impoigante, porque á neta do sábio e o nobre mancebo amam-se ternamente; e nesta colisão de paixões e sentimentos, o mancebo que tivera um gesto enorme de raiva e fúria impera um gesto enorme de amor e de sublime petuosa contra o velho maldito, foi sublime quando, em lance terrivel, ao arrancar as fórmulas do explosivo ao velho, suspende o tiro ou golpe que fatalmente o prostraria morto, e, quando alucinado se precipitava na fuga deate outro infernal da Morte que vislagra, eis que a neta se arroja para o seu amado que a idolatrava, e anciosa, nervosa, frenética, não o deixa, e num comoveto declamar de alma apaixonada, exora, obsecra, e o avô se enternece; confessa-lhe o amor por aquê mancebo; e que renuncia a todas as riquezas e grandezas, e o velho cede, rasga a fórmula secreta do terrivel explosivo; mas, porque estava enfermo do coração, succumbiu a tamanhas emoções.

António—o Sábio, Henrique—o Ajudante, e Alda Bastos—a neta, muito bem; mas o Henrique tem pulmões e fonação demasiado fortes para um velho talvez octogenário sofrando sincopes cardiacas; a tomar digitalina, ás portas da morte...

O general é uma figura apagada. Embora seja um cobarde, um Bum precisa ter mais fanfarronice, mais vida, ser mais espalhafatoso, e Henrique nunca deve perdê-lo de vista, sendo preciso desconfiar sempre de um cobarde...

Seguiram-se: uma poesia—*Perdida e achada*, pelo sr. Serafim Batista, que me parece bastante correcto na dicção e preciso e natural no gesto, pecando contudo por falta de nitidez fónica e por ventura por exagerar o grande defeito da nossa fonética nos sas xiados á lxxbôta; os Monólogos, pelos petzitos Domingos e Madalena Couto, agradaram.

1.º—*Amantão*—Dramazinho em que figuram três personagens: Operário, Vagabundo e mãe dos dois. O primeiro, educado nos principios libertários, consciencioso, amparado da valhota, e revoltado contra as iniquidades sociais; o segundo, vítima dessas iniquidades, ao qual sua irmã deseja salvar do abismo, mas éra tarde; a mãe, toda imbuida dos preconceitos e falsa moral da sociedade, éra uma fúria contra o desgraçado que o operário, de alma e coração despedaçados, agasalhava, e o martirio do filho que a amparava, mortificando-o de invectivas e impropérios por suas idéas redentoras.

A scena é verdadeira e os diálogos de um realismo flagrante, vivo, edificante.—Lima, Pereira e Isaura houveram-se perfeitamente, sem declamações impertinentes nem ateculações absurdas. O público fez-lhes justiça com muitos e bem merecidos aplausos.

3.º—*Essas faladas*—Letra de Camillo Rodrigues e música de A. d'Arango Corrêa Júnior. É uma revista social num acto e três quadros. Simples, clara, rapida e concreta—uma espécie de synthese caledoscópica, pitoresca e apuhalante da cancerosa sociedade. É no jardim da Cordoaria, onde cái subito um selenita junto do guarda do jardim que lhe serviu de cicerone, explicando-lhe onde caíra, e fazendo allusões acrimoniosas aos estabelecimentos circunjaçentes: cadeia, igreja, dos clérigos, universidade, hospital—assuntos em contraste para *charge*. Em seguida começa a fita passando: ao fundo o pária, disciplinado, criado, vendedor de jornais, *filidinho*, agente da ordem, embriagado, *flastrofomagistrado*, capitalista, livre-pensador, poeta, politico da opposição, politico governamental, Zé povinho, jogadores, fado, sopereta, Rosa, devota, etc.

Na boca dos próprios e na do cicerone pôz o autor estufadas vibrantes de pungente ironia: numa sátira acerbissima faz rechinor, como se fosse com punção ignea, os canchros e pustulas da sociedade nas figuras típicas, etnológicas, que vão passando, bem caracterizadas. Nestas rapidas, successivas transições varias experimentam-se mil impressões diversas, instantâneas e a imagem da sociedade passa da retina ao cérebro onde se imprime com tanta clarividência como rapidez.

José dos Santos reproduz um grotesco verdilhão muito interessante: é J. D. Ferreira sabe-nos deliciar com seu magnifico agente da ordem. Supremo ridiculo e constante hilaridade. Todos os outros personagens se desempenharam muito bem dos seus papeis. Frenéticos e delirantes aplausos.

A apoteose de Ferrer causou enorme entusiasmo. Pareceu-nos que ficava muito na penumbra. Se fosse possível melhorar as coisas no palco de forma a ver-se bem de toda a sala?

Musica agradável e bem executada. No fim, chamadas ao autor, ensalador, e outras distincões. Estridentes palmas de verdadeiro entusiasmo. Muito bem.

Visiónario.

Presos por Questões Sociais

Em sessão conjunta reuniram no passado Domingo os Comitês Pró Presos por Questões Sociais, para deliberarem sobre o caminho a seguir em face dos camaradas que ainda se encontram presos á alguns anos, na penitenciaria, condemnados sem provas, a penas maiores, por motivo de reivindicacão proletaria.

Além doutros assuntos resolveu-se em breve promover dois comicios, um no Porto e outro em Gaia.

No próximo numero

NECESSIDADE DA REVOLUÇÃO

Por ANTONIO LOREDO